

# TODOS PROSA

PAULO  
ROBERTO  
AMDEL



**TUDO**

**PROSA**

**PAULO ROBERTO AMDEL**



Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2018  
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial  
Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão  
Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora  
[www.vilarejometaeditora.com.br](http://www.vilarejometaeditora.com.br)

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Todo Prosa

Vilarejo Metaeditora, 2018

ISBN 978-85-919299-2-8

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem prévia autorização

1ª Edição

2018

Esta é uma compilação de publicações do autor no blog otraspalabras! entre os anos de 2014 e 2018, no clima jazzy – sem mudanças, sem revisões ou alterações. O que você lê é o que foi escrito na pressão.



## SIDO CÃO

tenho sido um cão sujo e triste abandonado numa calçada respeitável, enquanto outros cães me desprezam e não oferecem um pedaço de carne sequer. ah, os cães que passam tão indiferentes, ocupados com tardes e noites vazias, procurando a vaidade num espelho sujo. nem as pulgas me abraçam. tenho sido um cão sujo e triste, zumbi desnecessário cumprindo adestramentos inúteis porque sou velho, não tenho planos nem futuro, os outros cães não me oferecem solidariedade porque seus instintos estão pervertidos. hum, grande cão inútil sem osso nem casinha, sem vacinas e tosa, um diploma que seja! sem direitos: não tenho maconha para aliviar minhas noites de frio, nem emprego porque os cães são desimportantes no país dos estrumes, nem renda, nem casa, nem qualquer coisa que passe perto de algum conforto. eu, cão, sem pai nem mãe nem irmão, sou apenas um coração inchado à espera de uma chance, de um osso para

roer, de uma mísera mão acima da cabeça por consideração e justificativa para estar onde não posso falar, onde nunca serei escutado além dos poucos latidos que tento - eu cansei de latir em vão, os cães não ligam, os animais irracionais gritam e matam e morrem em vão. eu, cão sujo e triste, querendo um banho que não depende de mim, um pacote de guloseimas que passa na TV para a elite - eu sou excluído por excelência -, um pequeno afago que me faça sentir importante no meio de tantos outros cães, coisas grandes, bichos grandes que vão e vêm sem compromisso com qualquer bicho em volta. tenho sido um cão sem sentido, ando à toa, sou insone em qualquer calçada e tenho certeza de que não faço qualquer sentido frente aos bichos de aço, aos bichos de patas redondas de borracha, aos pequenos bichinhos que esticam suas patas tentando alcançar outros bichos apressados. cão, cão, tenho visto a dor e o sofrimento que não sei latir, mas apenas fitar com meus olhos tristes e irracionais. não aguento mais a coleira, a

sujeira, o osso que não encontro, a guloseima do pacote que nunca me dão. por favor, não soltem fogos.

## VOCÊ PRECISA LER O MUNDO

A gente só vai conseguir dar passos à frente quando você ler o mundo de verdade, muito além do óbvio. Você, a gente, todos nós. É preciso ler o sangue nas veias, ler as lágrimas da saudade, a tristeza, o desalento e também a esperança. Ler, ler, ler os versos tortos, os parágrafos sujos, as crônicas enferrujadas, os velhos e-mails arquivados na pastinha. A gente precisa ler uma noite à beira do Atlântico Sul, uma tarde no Imbuí, um dia de procissão. A gente tem que ler a compreensão, porque a afirmação que depende de escorraçar o outro é natimorta na essência. Você tem que ler o abraço, o carinho, as outras palavras neste mundo de imensidão, injustiças e egoísmo. Vamos ler o amor ao outro, a consideração, ler o querer bem, ler nas entrelinhas do apreço. Que tal ler a imagem do velhinho sentado no banco da praça vendo as crianças brincarem? Ou do moço da carrocinha de picolé? Ler a

moça das verduras na esquina perto do bar. A gente tem que ler os sonhos das crianças e não botar tudo a perder. Vamos ler amor e sinceridade? Vamos, é preciso! A gente tem que ler a beleza da Roberta cantando samba na televisão à meia-noite. Respeitar o cansaço do vigia na portaria de madrugada. Vamos ler o passado, quando éramos mais gentis sem a Idade Média com smartphone. Ler, ler, ler, chorar, sorrir, tentar entender um pouco deste mundo injusto e breve, cheio de maldade, mas procurando as pequenas brechas e lê-las, exatamente onde alguém escreveu o espírito da paz. (ao fundo, os tiros de sempre no Catumbi).

## PERDIDO

caminhando nas calçadas dos grandes prédios cheios de gente indo e vindo com enorme pressa, usando infalíveis fones de ouvido onde podem ouvir pérolas do cancionero trash, completamente alheias ao que se passa em volta. gente correndo para o metrô, gente correndo para os ônibus, gente em disparada rumo à central do brasil, passando ao largo de gente com fome, com dor e miséria, com ódio por causa da tristeza, gente que mal nasceu e espera a hora da boa morte, tudo muito diferente da tela do telejornal, quando o pernóstico apresentador lê no *prompter* dados econômicos que em nada se alinham ao ir e vir das gentes, nem às horas vazias dos desalentados.

## FIM

O QUE ADIANTA essa luta estúpida que não vai dar em nada? O ódio das ruas, a opressão, olhar para trás e estar bem mais perto do fim do que do começo, nada mudou de verdade exceto o tempo que é cada vez mais exíguo. Temos nossas próprias guerras e o mundo não vai nos escutar ou acudir. Continuamos chorando pelas ruas sem que ninguém dê atenção ou sequer perceba. Somos o desalento. E então nos amontoamos nas cidades em barracos, marquises, três, ônibus e calçadas. Todas as velhas mãos esmolando e esperando a hora da morte continuam lá. Todos os garotos negros, humilhados famintos, continuam com suas caixinhas de engraxate à mão, sentados com os olhos esbugalhados em frente à vitrine da loja de eletrodomésticos, sonhando com um desenho animado, um lanche, uma noite de paz que nunca virá. O QUE ADIANTA essa luta estúpida que não vai dar em nada? Os homens pomposos, cheios de

diplomas, mal sabem ler as evidências. E trocamos nossas livrarias por restaurantes, nossos cinemas por igrejas, nossos centros culturais por nada. Estamos muito ocupados com os smartphones tocando canções toscas ou oferecendo joguinhos de passatempo. Ou conversas daquilo que nunca vão chamar de amor ou atenção, sequer afeto. Passatempo. Estamos cheios de armas por todos os lados, mortes por todos os lados, as famílias choram diariamente por alguém que nunca deveria ter ido à toa. As pessoas são honestas, mas os empregos estão acabando e não há vagas para todos: muitos vão ser ainda mais humilhados, oprimidos, tratados como lixo na sociedade onde cada um é um número, um quadro, uma merda qualquer exceto gente. Não somos mais gente, muita gente não nos considera gente e sequer a si mesma. Somos quadros. Números. Códigos numa lista de espera. Somos currículos jogados fora numa agência de empregos. Somos os receptores de “Muito obrigado, a gente te liga”. O QUE ADIANTA essa luta estúpida

que não vai dar em nada? Nós seremos sempre amores desencontrados, portas fechadas, endereços por engano, clichês da desilusão. Nenhuma droga vai nos salvar; no máximo, tentar minimizar a dor, até que vem a realidade das próximas horas e tudo volta ao caos de sempre. Ficamos acostumados a anormalidades em forma de mundo corporativo s.a. – e como você não inventou o mundo, não tem culpa dos mortos no prédio implodido da Paissandu, nem do antigo Edifício São Vito – alguém se lembra? NÓS somos o desprezo ao Morro do Bumba, a indiferença diante de quilômetros de miséria, ameaças, estupros e humilhação. Nós somos o gado sem rumo dando porrada uns nos outros para sentar no banco de aço do metrô, porque eles são poucos e o trem é feito para as pessoas irem apertadas em pé mesmo, porque quem trouxe os trens acha que pobre tem mais é que se fuder, apoiados até por alguns pobres que não se consideram pobres, assim como temos os negros que apoiam o racismo, os gays

que acham graça da homofobia, os saudosos da ditadura que não se importam com os mortos e estuprados por ela – “estavam fazendo merda” – quem diz isso deveria pagar imposto sobre a própria respiração. A cada dois anos as manchetes se repetem. Não somos capazes de valorizar quem nos valorizou. Este é o mundo moderno de 11 de maio de 2018 e, tirando os iphones e as grandes televisões, o que nos restou foi uma Idade Média com 210 milhões de pessoas, sendo que a metade delas somada tem menos dinheiro do que seis criaturas deste país, e alguém ainda vai dizer que esta matemática tem condições de gerar prosperidade. A verdade é que estamos todos condenados e vamos cumprir penas, alguns com todo o conforto em casa e as manipulações que já se conhece bem, enquanto outros vão se arrastar até o nada: a carne podre, dissolvida em caixas mortuárias, esperando que alguém tenha saudade de seus ossos. As pessoas estão ocupadas demais porque em muitos casos perderam completamente o senso de

humanidade. O outro não é nada, é só um móvel ou uma vassoura ou uma caixa empilhada. Aplaudimos os golpes e ficamos em silêncio quando somos empalados por eles. Ainda somos os mesmos patetas que imitam a novela, que repetem as falas dos telejornais sem nenhum senso crítico. Talvez toda essa merda também seja culpa nossa. O desencontro, o desprezo, a distância asséptica, nós inventamos isso em nossos tempos modernos e, em breve, chegaremos ao auge da vanguarda, quando nossos apartamentos não passarem de cavernas onde estaremos abrigados por causa do mundo injusto. Tudo que está aí é inaceitável; eu lutei contra isso e não passei de um escravo da dignidade do homem. Continuo sendo, mas agora estou morto, me vejo morto e só assim posso respirar minúsculos segundos de liberdade em sonho. Finalmente chegou o dia em que, no fundo, somos todos infelizes demais – e o pior: nós mesmos construímos os diques que foram afundados para que todos SEM EXCEÇÃO nos afogássemos sem

paz, com exceção daqueles que, debaixo d'água, com os pulmões alagados, ainda riem e deboçam dos outros, sem perceber que serão tão chicoteados até à morte como suas vítimas do ódio. O QUE ADIANTA essa luta estúpida que não vai dar em nada? Eu estou morto, não tenho santos, nem paz, e carrego comigo apenas uma sacola cheia de tristeza porque meu povo nunca será livre.

## QUATRO A.M.

São quatro da manhã da madrugada mais chata de se ter insônia em qualquer semana. Despertei, ouvi Herva Doce, Marina e Marillion - pensando nos fãs que discutem as eras H e Fish, quando acho lógico que as duas são muito importantes. Há pouquíssimos ruídos em casa e nas ruas, alguns carros, talvez um caminhão, a madrugada amedronta. O Fluminense venceu, os pela-sacos reclamam, há algo de doentio nisso. Tenho insônia e penso em coisas impublicáveis. Subitamente me recordo de quando eu era um garoto de dezessete anos, e tinha de atravessar Copacabana inteira a pé às cinco da matina para chegar ao quartel - ficar horas e horas em pé à toa, até que fui libertado para sempre. Contas a pagar, contas a fazer, medo, incerteza, reflexão, tudo está insone em cima de uma cama confortável no coração desta cidade linda, mas cruel. Tomo remédios para pressão, falo com minha mulher, dou bom dia e sonho com

mais duas horas de sono. Agora um carro buzina perto do aterrorizante prédio abandonado do IML. Agora recebo duas mensagens no computador de mão. Agora tenho dez livros inéditos prontos. Agora penso em mais coisas impublicáveis. Ah, sono, o que te faz tão longe de mim? Eu te queria bem aqui.

## CHUVA

a chuva incessante ganha as ruas da cidade com força. ruas que viram riachos, bueiros que são meras lixeiras e todos aguardamos a nova tragédia, numa velha repetição de erros e indiferenças. a chuva, que alegra alguns corações e faz o pavor em muitos outros, seja numa encosta ou debaixo de uma marquise. ah, chuva, que engana e não traz paz. chuva que desnorteia os outros corações, tão mendigos, e que ajuda a girar a roda da notícia - viva os sucessos populares! agora todas as regiões são uma longa noite, agora as calçadas bebem goles de inundação, agora a televisão mostra uma banda quase jovem cantando um hino dos antigos: "não sou brasileiro, não sou estrangeiro, não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum". somos de qualquer lugar. a chuva alaga a cidade. talvez não estejamos nem aí para tudo.

## ARANHA DE VIDRO

renatinha viu uma aranha - de vidro! - no teto e gritou loucamente enquanto jogávamos mau-mau e eram servidas duas carreiras de cocaína à mesa - ela não tinha nada a ver com o pó, nem eu -, até que a acudimos e ficou tudo bem entre gargalhadas da pós-adolescência. a casa era muito louca, mas sóbria também. todas as tardes nos encontrávamos e havia turmas diferentes: a do metal, a do pop, a do futebol, a de qualquer coisa. renatinha era muito linda e, por isso, o luiz ficou muito louco por ela também, em todos os sentidos. depois eles saíam no carro em direção a são conrado ou outro bairro com ruas de natureza, conversavam, a paixão não era recíproca e o nosso amigo gordinho voltava um tanto desapontado para o carteadado, depois de tê-la deixado em casa, bem perto da gente. luiz fugiu de casa aos oito anos de idade e se escondeu na sala da minha casa, enquanto minha mãe dizia que ele tinha que voltar para

não deixar seus pais preocupados. ele a chamava de tia, a adorava e disse que, se pudesse, moraria conosco - não dava. na última vez em que nos encontramos, trocamos um longo abraço e choramos: seu pai havia falecido dias antes. dois anos depois, eu abri a porta de casa e encontrei minha mãe em lágrimas. ela tinha ido a copacabana e soube que o luiz havia sido enterrado na semana anterior. era uma noite de quinta-feira, às sete da noite e eu não consegui dormir até o dia seguinte. às vezes encontro com o luiz em pensamentos, lembranças ou quando escrevo sobre ele. muitas vezes eu penso que aqueles dias da aranha de vidro no teto eram os mais felizes da minha vida e de muitos dos que estavam lá, num velho apartamento que tinha cara de junkie - cuja janela da casa permitia ver a artéria aorta de copacabana -, mas que na verdade exalava amor - nós éramos pobres garotos felizes e sonhávamos com um país completamente diferente de toda essa merda que aí está. queríamos nossos jogos, nossas tardes de conversa, nossos amores que voaram pelo vento, nossas

músicas e, sinceramente, ninguém falava de dinheiro: apenas de ingressos e bares.

## A PANFLETEIRA

A GAROTA morena e jovem está na porta da casa de tolerância panfletando a propaganda de serviços sexuais, enquanto espia o smartphone e usa um fone de ouvido. Ela parece jovem, é mais jovem do que se pode supor, mas carrega as marcas do tempo veloz de quem trabalha na prostituição. Ela atende clientes também. Ela às vezes sorri, enquanto na diagonal da Rua do Senado um panfleteiro conversa com transeuntes e veste uma camisa de time de futebol. Ela também é séria e compenetrada em seu trabalho. A Rua do Senado é vazia e quente perto de uma da tarde, quase sem carros, praticamente sem gentes. Mais adiante, ouve-se um poderoso som de funk saído de um cortiço. Mais adiante, uma voz em alto-falante ecoa do Quartel Central do Corpo de Bombeiros. Mais adiante, duas jovens e belas garotas, elegantemente vestidas, saem do palácio corporativo da Petrobras rumo ao almoço ou qualquer outra coisa. Elas são bonitas

e jovens, bem jovens, tão jovens quanto a garota morena que panfleta bem na porta da casa de tolerância, jovens demais mas com trajes de sobriedade empresarial bem sucedida. As duas garotas cochicham e riem, do mesmo jeito que a garota morena fez cento e cinquenta metros atrás ou adiante - conforme o referencial, mas também conversam seriamente e tudo se resume a uma distância muito pequena quando se pensa em andar, mas imensa quando o caso é entender o Brasil, as desigualdades, as oportunidades e o futuro de jovens mulheres que, por incrível que pareça, andam pela mesma calçada - e nela, podem acontecer os únicos encontros de suas vidas, mas no máximo com um esbarrão e só.

## NILISMO

se os novos críticos musicais atacam a Pablo por homofobia, fodam-se eles todos. se ela, Pablo, é obesofóbica, que se foda muito também. fodam-se todos. fodam-se os paneleiros, os golpistas, os ignorantes, os bandidos, os corruptos, os massademanobra. fodam-se os recalcados, as subcelebridades, a flubabaca. fodam-se todos os opressores, os covardes, os machões de teclado, os bonzinhos que não querem se envolver, os estapafúrdios, os coléricos sem causa. fodam-se o mbl, o pfl, as ditaduras da al, as organizações globo, a folha, o estadão, a casa do caralho. fodam-se todos os que estão silenciados perante o helicoca, as propinas da FIFA, a bodytech. fodam-se cabral e sua gang nos quintos do inferno. fodam-se de verdamarelo ou quaisquer cores e cinquenta estrelas. fodam-se os lobistas e vigaristas. foda-se o bitcoin e seus especuladores. foda-se trump e também o velho ridículo golpista do inferno. fodam-se os idiotas que abanam

o rabo com as mentiras sobre os dados de emprego, renda e pib. fodam-se todos os egoístas, os fascistas, os totalitaristas do capital. fodam-se, fodam-se muito, sem sexo e gozo, mas o foder da vida. fodam-se os arrogantes, os indiferentes, os que não têm apreço pelo outro, os traidores da amizade. o concreto já rachou, a destruição é a moda, ninguém quer saber de ninguém e que todos estes se fodam. foda-se o ano novo, o carnaval, a copa do mundo, o próximo feriado. fodam-se as mudanças que não virão. foda-se o futuro: ele é a morte. um minuto de silêncio em memória de todos os oprimidos e desprezados neste mundo injusto de merda. o resto que se foda. fodam-se todas as fake news e breaking news. paz, onde mora a tal paz? o mundo é maravilhoso, a desgraça é o serumano.

## QUANDO VOCÊ MORRE

há muitas maneiras de se estar morto em vida. você morre quando o ódio triunfa, quando a dialética é destruída pela ignorância, quando a ingratidão anda de mãos dadas com a indiferença. você morre quando beija o desamor, quando o abraço é formal, quando a democracia prevê senzalas. você morre quando as crianças são tristes, os idosos têm melancolia e os adultos estão ocupados demais no whatsapp. você morre quando um bandido acerta uma bala na cabeça de um inocente, mas também já morreu quando aquele mesmo bandido era uma criança chorando de fome e batendo na janela do carro. você morre quando o pragmatismo mata o sonho, quando a distância é melhor do que a vizinhança, quando ficar calado é o remédio para não ouvir. você morre com um gol contra ou a favor, a vitória que será derrota, quando a certeza é o desprezo. você morre muitas vezes, exceto quando odeia, porque aí já deitou morto dentro do ventre. você morre

com o rancor e o descaso. você morre, morre, morre e se decompõe por um mísero segundo de merda, mas depois respira e procura a próxima morte.

## VOCÊ NÃO ENGANA MAIS A SI MESMO MESMA

Você não engana a si próprio. É absolutamente inútil. Pode contar todas as mentiras que quiser, pode falsear, pode até viver uma vida que não é a tua na tela de um computador, mas não vai adiantar: é impossível enganar a si próprio além de um breve momento delirante. Há muitos vocês em você mesmo, mas um deles é insuperável: o real. O você de verdade, que talvez nem mesmo você conheça direito, mas que inevitavelmente aparece a cada vez que você se deita e olha para o teto escuro de luz apagada. E aí você se depara com quem realmente é, com todos os fracassos pessoais que finge não ter experimentado; das drogas ilícitas que não consumiu, não por princípios ou serenidade, mas por cagaço; das mulheres que fingiu ter mas nunca lhe foram nada além de inspiração para masturbar-se; dos homens que desejou mas não teve qualquer coragem de viver

seu tesão; dos amigos que não soube fazer porque a arrogância lhe lambe as vísceras; dos portes que não tomou porque lhe faltou coragem para viver uma pequena derrocada noturna. E então o que parecia grande coisa não é porra nenhuma: você se vê num espelho imaginário e encara toda a sua feiura, toda a sua alma desajeitada, toda a sua futilidade e isso não cabe em nenhuma mulher. E das histórias que você contou mas não viveu? Lá estão no mesmo teto, como se fosse a faixa de torcida organizada onde se lê "mentiroso de merda!". Você nunca esfregou sua buceta em outra, nunca gozou pelo cu como tanto queria, nunca sequer se sentiu beijada de verdade. A avereza do rosto se encontra com a pobreza do caráter numa alma atormentada e, por isso mesmo, você nunca vai enganar a si mesmo. Deitado em berço esplêndido da mediocridade, você olha para a janela baixa e não se ilude: sabe que é um merda, um flácido, um pústula que caga ódio pelas ventas para não defecar a si próprio. Você tem fama, dinheiro, fode

com vários caras, faz pose vitoriosa, mas sabe não ter nada a comemorar. Você é desimportante e por isso se impõe pela virulência verbal, mas os teus dias vão ficar bem piores, você não engana a si mesma. Acorda, amor: a vida é hoje, somos todos bosta e você é tão desimportante. Somos todos pequenas formiguinhas em desconstrução, você também está com a sorte de nave mãe.

## FELIZ ANO NENHUM

a violência aí está para estilhaçar o viço dos dias. ela sempre esteve, ao menos para aqueles que têm mantido seus olhares mais atentos a trezentos e sessenta graus em vez de trinta. ela sempre esteve solta, morando de aluguel no apart hotel dos olhares indiferentes, na opressão infame das comunidades carentes, sobre a mira dos fuzis covardes que estraçalham sonhos e trajetórias. a violência aí está diariamente embarcada na baía de guanabara ou deslizando pela via dutra. hospedada em confortáveis escritórios das grandes corporações, cujos prédios são batizados com nomes estrangeiros, e onde raramente se vê um negro ou nordestino que não seja em funções serviçais. lá está a violência em forma de mãos mendigas estiradas na calçada suja enquanto um executivo só passa perto do pedinte por obrigação. olhares, olhares, olhares de desprezo, de aparte, de afastamento. a violência é fácil de ser entendida quando algum boçal

profere a frase “é preciso ensinar a pescar em vez de dar o peixe”, e então todos percebem que o orador nunca pescou uma bola à beira de um lago. a hipocrisia é a mãe de todas as violências. a violência é o egoísmo, o imperialismo financeiro, o racismo, o nazismo, a cólera e tudo que se vê facilmente num telejornal. os mortos pela fome, pela miséria, pelo abandono, enquanto há quem espere o próximo feriado, o recesso de natal e um feliz ano nenhum, feliz ano nenhum, nenhum.

## A TEMPESTADE

não se trata de um exercício da vida, olhando para o bem e o mal. é o cumprimento de uma pena enrustida. todos os dias você acorda livre, absolutamente livre, e se depara com todos os seus sofrimentos e os daqueles que lhe são próximos, ou mesmo os irmãos que jamais verá ainda que sejam objeto da tua solidariedade. não, não é a vida como ela é, mas como ela foi imposta e você não tem o menor direito de escolha, exceto aceitá-la e sofrer para sempre ou abreviá-la por seus próprios meios, sendo condenado ao vale dos traidores, ao título de louco, de insano, de fraco, como se você fosse quem escreveu todas as desgraças que vemos todo dia. isso não é a vida como ela é, mas a tortura como ela é imposta. você está sozinho, absolutamente sozinho como sempre esteve e, ao olhar de agora para trás, revê um rio interminável com a vida afogada em mágoas, desenganos, falsidades, hipocrisias, egoísmos, invejas

e violências. não é a vida como ela é, mas sim a que o sistema maldito reservou para você e os seus, os famintos e os malditos, os mendigos e os perdidos nas noites frias, cruéis e indignas. eis a tempestade, a longa e tenebrosa tempestade, varrendo as misérias do asfalto, traduzindo toda a inutilidade de luta contra o mal porque a vitória pertence aos ruins, aos sujos de alma e aos incapazes de ver o outro senão como um objeto ou saco de lixo conforme a circunstância. não há religião, política ou dialética que justifique a destruição do homem pelo homem, que aceite como normal morrer de fome, de sede e de exaustão do sentimento.

## CANÇÃO DO CINISMO

Finalmente chegou o dia em que somos todos inúteis. Seja na condição de cracatoas assanhadas da internet, seja pela indiferença cínica que muitos de nós utilizam para lidar com o mundo, seja pela torcida por este liberalismo escroque, a verdade é que somos todos inúteis. O mundo explode em guerras, atentados, cenas violentas, traições da natureza, desencantos mis e continuamos em nossos papéis de cavaleiros da moral internauta. E do alto dos castelos virtuais, assistimos calados ao desgoverno dos pezões e malafaias, à insana escrotidão da república golpista, à farsa nojenta dos veículos de comunicação. Enquanto o mundo gira, o Brasil se espatifa e todos ficamos orgulhosos de nossos murais, dos kkkkkkkk e dos mimimi. Achamos o máximo porque somos/supomos ser subcelebridades de porra nenhuma numa superpopulação eletrônica, isso quando não fazemos de tudo para eliminarmos o

sub em vão. Kkkkkkk, mimimi, ahahahaha e aí está a certidão de nascimento de toda a nossa inutilidade. Este POST é a prova viva de que nos tornamos a sociedade do dia em que somos todos inúteis. O que mais será preciso para virar essa porra toda de cabeça para baixo, sacudir tudo e varrer a sujeira de vez? Não precisamos ser inúteis para sempre, pois. O resumo é de cada um, a tristeza é de todos nós, a conta também. Pôstis e tuítes são supositórios desconfortáveis. Até quando fingiremos que este mundo real não tem o formato desigual, escroto e fadado ao simplório fracasso? Aleluia!

# UM MINUTO DE SILÊNCIO EM MEMÓRIA DOS POBRES IDIOTAS DA OBJETIVIDADE

1

enquanto nos perdemos com vaidades estúpidas, jogamos o que nos resta de humanidade no lixo - e, por isso, as crianças mortas acabam sendo apenas recheios descartáveis de noticiários. ansiamos por modernidades mas vivemos a apoteose do retrocesso. continuamos racistas, misóginos, excludentes, incapazes de perceber a dor dos inocentes mortos, sufocados em bairros de miséria. os nossos salvadores da pátria não vão salvar coisa nenhuma que não seja os próprios pescoços - não passam de corruptos sujos de um pau de galinheiro. o futuro é incerto, mas já sabemos que a tendência é piorar. há muitos discursos, ofensas, bravatas mas as ações dormem em banho maria. os pais abraçam os filhos mortos numa guerra estúpida, os inescrupulosos agora são o exemplo do sucesso, a escrotidão é a grande campeã. vamos celebrar nossos tuítes de merda,

vamos cantar e dançar pelo fascismo que inunda nossas ruas. um viva à nossa hipocrisia, combustível cotidiano de avaliações seletivas. os bacharéis em ignorância venceram a grande batalha imaginária contra a ameaça comunista. ufa! nunca fomos tão livres, felizmente temos nosso Brasil de volta: che mierda.

2

a verdade é que somos estúpidos demais enquanto sociedade humana. fala-se de liberdade, mas o dinheiro vem forte com ditadura e guerra. defende-se a competição, mas os grandes vencedores são os que praticam o predatismo sem fronteiras. não existe país na terra que tenha dado certo com ódio e indiferença ao outro, com abandono e desprezo. somos estúpidos com nossos vaidosos peitos de pombo a desfilarem em redes antissociais e chopincêntis. perfeitos imbecis quando a retórica agressiva é mais importante do que o argumento. ainda somos a terra onde há gente que acredita na combinação letal de leite com manga. essa nossa mistura de boçalidade

com falta de ética e de respeito ao próximo ainda vai nos levar, e muito, para baixo do fundo do poço sem fundo. mas o que nos importa são fofocas, ostentações e status virtual. viva a idade média com esmártifone, viva! viva o nosso túmulo da filosofia! nós somos os melhores do mundo de porranenhuma e vamos para frente, galopando.

## A DESPEDIDA

Está na hora de partir. Este é o país do futuro na vanguarda do retrocesso. Milhões de pessoas estão felizes com o desrespeito às leis porque é exatamente isso que elas fazem o tempo todo. Estamos preparados para repetir 1964 porque o poeta Cazuzza tinha razão em escreverem num verso "são caboclos querendo ser ingleses". Cinquenta anos depois, milhões de brasileiros parecem bichos de estimação de um canal de televisão - a tratá-los como cães vadios que supostamente são merecedores de chinelada no focinho, uma aberração. As maravilhas da Internet permitem aos usuários o copiar e colar de idéias, como se tudo fosse uma honesta partida de futebol: torcer para o time do bem liberal e a morte do time dos comunistas - sabe-se lá o que estas mentes geniais tratam por comunismo. Milhões de torcedores do Big Brother. Milhões de torcedores de William Bonner. Há muitos Brasis e um deles é por demais digno: o dos

trabalhadores de bem, homens e mulheres dos trens, dos ônibus apinhados, dos centros de comércio popular, dos quartos de empregada e quitinetes de porteiro; das favelas, dos conjuntos habitacionais entregues à própria sorte; da geral que morreu, dos bailes de Messiê Limá e Big Boy. O resto? Uma bobagem. Milhões de idiotas sonhando com a extinção de comunistas e loucos pela admirável breguice de Miami - ou aquela patética cópia da estátua no New York City Center. Milhões de bocas apregoando a teoria da meritocracia que se resumiu ao dinheiro dos pais e parentes. Os liberais que olham para o outro lado da rua ao primeiro sinal de mendicância, e que não se comovem nem ao ver um garotinho pedindo esmola no sinal enquanto o próprio filho, amado e suspirando, manuseia um game no banco de trás. Milhões de trapaceiros em todas as instâncias: a fila furada, o caixinha do guarda, a amante discreta, o desvio da empresa, a sonegação tranquila, a hipocrisia. Fracassamos como sociedade.

Os erros da Monarquia, do Estado Novo, da ditadura e da Nova República não serviram de qualquer aprendizado. Agora temos smartphones, a maravilhosa telefonia mais cara do mundo, somos muito desenvolvidos mas pouca gente sabe interpretar um texto de dois parágrafos. Não perdemos a vocação colonial. Olhem para as empregadas de uniforme branco: elas são respeitáveis. O empresário de terno é um doutor. É lindo ver negros racistas, homossexuais fascistas, verborrágicos niilistas e toda sorte de desajustados enquanto mandamos o ladrão para a cadeia, com ou sem provas, com ou sem fundamento. Viva o choque de ordem evangélico! Viva os defensores da pátria contra o inimigo do inferno! Viva a celebração de toda a nossa estupidez coletiva! É hora da despedida: os hipócritas e monocratas receberão o foca-se que merecerão da História. São caboclos querendo ser ingleses. São caboclos querendo ser ingleses. No fim, também morre quem atira e o ódio floresce no ventre dos vermes que gorjeiam nas caixas

mortuárias, tudo em pleno e belo dia de sol. Adeus, Brazyl.

## SEIS DA MANHÃ, FELIZ NATAL

quase todos estão surdos, individualistas, indiferentes, alheios ao próximo e ao mundo, feliz natal. brasileiros contra brasileiros, um golpe fajuto, o caos pelo caos, feliz natal. ódio no mundo, ódio na américa, ódio na esquina, feliz natal. violência, estupro e morte, descaso e drama, abismo e carnaval, feliz natal. a imprensa vendida, a lavagem assegurada, a pequenez de espírito, feliz natal. livros que ninguém vai ler, canções que não serão aprendidas, a desatenção consagrada, grandes audiências inúteis, feliz natal. vamos celebrar a estupidez humana, os mortos vivos debaixo das marquises, os zumbis assassinos do crack, os índices da bolsa, o certificado de bom pagador, feliz natal. os shoppings estão cheios, as salas de aula vazias, alunos tão arrogantes, professores tão prepotentes, gente boa e má, o brasil entorpecido, feliz natal. madrugadas insones, amores destruídos, gente filhadaputa oprimindo gente boa, o poder

do dinheiro, feliz natal. são seis horas da manhã no inferno, o mundo é moderno, o ser humano é a província, a pátria é o pib, feliz natal. a meritocracia dos filhinhos de papai é a casa grande da marmitta dos sem nome, sábado é um lindo dia, ninguém se lembra do filho da puta de ontem, somos todos estatística, feliz natal. o amor está morto, a casa está suja, a bandeira está dobrada, os discos estão empilhados, ordem e progresso, feliz natal. a desagradável sensação de que o novo é começar tudo outra vez com os mesmos defeitos, a sobrevivência é cumprir a pena em liberdade depois das cinco da tarde, de segunda a sexta, feliz natal. a matemática não se entende com nada do que aí está, minha dor é perceber o navio negreiro na calçada à espera da morte ou de remendos, feliz natal. a etimologia do filho da puta contemporâneo no brasil, os versos em vão frente à singeleza da pátria varonil, feliz natal. o fluminense acorrentado, a rádio em silêncio, a tevê desligada, nenhuma alegria no teto do quarto, feliz natal. amanhã vai ser outro dia, talvez o

dia em que seremos todos inúteis, feliz natal. a procissão, a garota sozinha, as guerras do mundo, o desamor, feliz natal. deixe seu recado após o sinal.

## O RITUAL DO HABITUAL

DEITADO em berço esplêndido da casa, olhando o céu que deve estar por cima do teto se não deu nada errado, o Carnaval chegou ao fim. As transas acabaram, os amores de ocasião. No fim da tarde de quarta-feira encerra a apuração da Apoteose - salvo a festa na quadra da escola campeã, todo o resto da cidade parece a noite de um domingo. Depois tudo volta ao normal. A hipocrisia retoma seu lugar nas ruas e na internet. Derrubar o governo é legítimo quando não se votou nele. Os jornais editam a informação. Acabou a grande festa, o grande feriado. Trabalhar na quinta-feira opaca e lúgubre é, acima de tudo, atender aos caprichos dos patrões - quem vai lucrar se todos gastaram o dinheiro na folia? Ninguém vai dizer das gangues de pivetes assaltando na Central, Copacabana e Botafogo. Nenhuma justiça para a pobre menina currada em Osasco. Em nome de Deus, decapitam e atiram bombas. O homem morreu com seu carro

afundado num buraco da prefeitura em Santa Cruz. O bicheiro redivivo passou feliz na avenida ao lado de seus capangas, a emissora registrou. Oh, Carnaval, com suas fantasias maravilhosas e o cinismo a céu aberto. Vamos voltar à labuta. O mundo corporativo não espera. Retomemos as canções de ódio, exclusão e preconceito que só o Facebook sabe proporcionar. O ritual do habitual.

## ORAÇÃO DAS ALMAS PERDIDAS

OBSERVANDO a pastosa programação da TV. Pensando nas impressionantes manchetes que a imprensa produz com ética, sem compromisso com particulares. Deus há de banir o comunismo dessa terra, em nome da liberdade, da fé e do livre latifúndio ocioso. Extinguir essa sem-vergonhice dos vagabundos se sustentarem com R\$ 100,00 ao mês, R\$ 3,33 ao dia, R\$ 1,11 em cada uma das três refeições diárias. O maldito partido dos trabalhadores, que só enche o país de vergonha e inaugurou essa maldita corrupção no Brasil. Por que insistem nessa conversa de povo se ninguém é igual a ninguém? O que eu tenho a ver com os mendigos que pedem esmola do outro lado da rua? Por que pagar impostos? Não fui eu que inventei o mundo e seus defeitos. Quero meu Brasil de volta. Poder passear no shopping tranquilamente. Gastar meu dinheiro obtido com suor e méritos - tive que dar duro na faculdade, mesmo com meus

pais me sustentando. OBSERVANDO a pastosa programação da TV. Pensando nas impressionantes manchetes que a imprensa produz com ética, sem compromisso com interesses particulares podres. A miséria não existe, o que se tem é gente vagabunda que não progride.

## A CAPITAL DORME

na primeira noite depois do dia dos mortos a capital dorme. as luzes piscam nos morros e parecem estrelas cadentes para abonados usuários de avião, prestes a aterrissar no aeroporto à beira d'água. debaixo de marquises caras, transeuntes sem rumo dormem. usam drogas mortais. fazem sexo. sofrem. e dormem. na avenida litorânea as lindas putas buscam o dinheiro do aluguel - elas ainda não dormem. num leito de morte do hospital público central, o paciente terminal dorme, ao contrário do berçário onde minúsculos bebês choram e nem imaginam a rudeza do caminho que virá. a capital já não tem o asfalto entupido por pneus e ruidosos automóveis. o metrô nem parece uma caixa de carne humana moída, amassada no ir e vir do fim do expediente. na praça sete, o mendigo dorme. no estácio de sá, os meninos malandros magrinhos espiam as jovens de seios fartos, bumbuns e coxas carnavalescas: ninguém dorme. na prado

júnior, o caminhante é impisa, o lobo que nunca dorme. nas gares, nos terminais, na central do brasil os trens preparam-se para breve sonho. o vizinho pensa na jovem vizinha nua, ou na mulher eternamente distante. crianças adormecem pensando na manhã de escola. nem é meia noite e a capital, acolhedora e hostil, dá indícios de sono. o amor também adormece. resta a crueza chamada solidão, livre.

## CORPORATIVO S.A.

em qualquer horário de almoço num restaurante perto de uma grande corporação econômica, numa grande cidade, uma metrópole, você pode enxergar o mesmo do mesmo. as pessoas com trajes sempre parecidos, falando dos mesmos assuntos, os pratos cuidadosos para não se engordar ou desenvolver câncer ou alguma doença letal. todos com os olhos cravados diante das telas, seja a da televisão com os gols e façanha do maior time da ficção esportiva, sejam as dos smartphones cheios de ois, olás, teadores e táfazendoquês. os crachás são todos iguais. olhares tensos, de cobiça, desejos. ou conversas masculinas ansiosas pela próxima micareta, pequenas orgias que serão grandes troféus dos campeonatos de nada. uma jovem loura, bonita e delicada destoa de quase tudo, exceto o maldito crachá que não dá carta de alforria. eu, estrangeiro de mim mesmo, olho tudo em volta, sinto-me perdido demais nessa cidade

linda e neurótica. alguém deveria ter me mandando uma linda mensagem eletrônica mas prefiro não olhar à mesa porque gostaria de ler outras coisas, ter outras palavras, viver outros pequenos momentos interessantes. o prato chega ao fim. a fila é cheia de pessoas parecidas pelas roupas, tons, perfis. eu queria falar de criatividade, mas tudo é uma inutilidade que beira o enorme. a moça da caixa agradece a preferência. lentamente, os adultos contemporâneos iniciam o caminho que os levará às baías, ao networking e o admirável mundo eletrônico - frio e rude, demais.

## DOÇURA SEXO

ACORDOU assustado às três da manhã, num misto de delícia e decepção. O coração disparatado e o pau duro. Sonhara com a mulher que sempre havia desejado, mas jamais possuía em nada. Ali, no inexplicável e sedutor mundo dos sonhos, tinha mergulhado na ilusão de que fizera o merecido sexo ansiado com sua promessa erótica. Nos segundos seguintes do despertar súbito, olhava para as formas e objetos no escuro do quarto, a luz da televisão, o silêncio de rejeição e ainda via num cadafalso da memória entorpecida pelo cansaço aquela bela mulher em cenas de tesão e foda – e a fudia, fudia, mas em segundos o êxtase virou a má realidade. Era só uma excitação, um sonho, uma vontade. A bela mulher que lhe atiça os instintos mais profundos não estava a seu lado, nem abaixo, nem de quatro ou relaxada depois de uma chupada profunda. Eram só a coberta esverdeada, o lençol laranja novo e aquilo que não se explica, nem

precisa ser exercício de beleza ou perfeição: tesão. Ainda bêbado de sono, foi ao banheiro, viu-se no espelho, lamentou a solidão, pensou na desejada e, sem mais delongas, começou a se masturbar; pensou em seus seios pequenos de bicos saltados, seu corpo delicado, morder a nuca, beijar por dentro da calcinha. Não que fosse novidade, pelo contrário: já o fizera centenas de vezes sempre buscando o mesmo alvo. No entanto, diante da madrugada, constituiu-se numa brincadeira diferente – no prazer solitário, viu-se apaixonado por uma personagem que insiste em não se realizar. De toda forma, gozou como sempre e ainda espera. São outros os amores, são outras as fodas, o verdadeiro amor irrompe à madrugada.

## CANÇÕES PARA APRENDER E CANTAR

Enquanto ouvia agruras e risos de certa morena simpática e amiga num botequim familiar e vazio, coisa de poucas horas, espiava a foto de outra mulher linda e ausente, intensa e presente de alguma forma. Entre garrafas de Malzbier, nada fazia sentido e, ao mesmo tempo, tudo parecia tão conectado e lógico. Você ouve ao longe uma mulher que viveu o amor em vão. Você ouve a indiferença travestida de romance. Alguém carrega o celular na tomada perto do caixa só para não perder de vista mensagens desejosas. Estou cansado demais e preciso de uma cerveja. Sono, cansaço, tesão incubado, namoro de trem e a mesa ao lado se comove na prosa a respeito de duas belíssimas bailarinas à ribalta. Futebol não há, os bares morrem no frio de um sábado à noite. Nenhum dos admiráveis bebuns do balcão está de plantão. Frio, frio, os velhos botequins não merecem o frio de Agosto, nem o silêncio do Robertão, falecido quando menos se

esperava. ENTÃO levanto de minha mesa solitária, pago a conta, caminho a largos passos em direção de casa, tomo o elevador por vários andares, ligo a televisão que faz cinema com o santo guerreiro contra o dragão da maldade. Grandes atores na tela abençoada. Estou sozinho e penso em pequenas devassidões, múltiplas. O amor é uma solidão fascinante. O mundo é solitário e defeituoso com suas cicatrizes, suas veias doloridas e sempre alguém estará do lado de quem vai vencer, fingindo comemorar a vitória do outro. O amor, o desencanto e a perda no passo delicado de duas bailarinas, enquanto o trem da história está paralisado na gare imaginária da Central do Brazyl. O Brasil não conhece o Brasil. O resto é uma enorme desimportância.

## OS GAROTOS DO 238

Peguei o ônibus na Mem de Sá e espiei não somente o movimento das ruas mas também o dos passageiros. Gente trabalhadora, mulheres bonitas, vovôs, jovens yuppies e perto da porta, quatro estudantes do Cefet - inevitável lembrar de Elika. Foi uma viagem rápida, talvez uns vinte minutos, mas que me fez navegar no tempo. Um dia proveitoso e até prazeroso em alguns sentidos: rir bastante, olhar o passado com serenidade, recordar poesias, algumas leves promessas eróticas, contas a pagar e receber. Voltando ao ônibus, os garotos riam e brincavam, enquanto falavam de seus pequenos medos: a troca de matérias, a necessidade de estagiar, algumas aulas desimportantes, outras essenciais. As gatonas da sala, a incerteza do futuro. Os quatro de mochilas, camisetas, jeans e tênis. Um falava do longo caminho de volta para Belford Roxo, o outro sonhava com uma boa janta, o terceiro falava dos seus

temores com Estatística - do mesmo jeito que certa bela mulher me disse - e o quarto, o mais grandão e tímido, alternava risos contidos e pequenos silêncios. Calado, pensei que, há muitos anos, quando eu tinha o futuro e a esperança nas mãos, fui exatamente um deles, podia ser perfeitamente o quinto daquela turma. Senti saudades, ainda que fale com alguns daqueles amigos da faculdade até hoje. Na verdade, também hoje eu ainda sonho como eles, mas sem o futuro que só a juventude proporciona. Quando chegaram no Cefet e saltaram, foi como se eu descesse com eles, fosse até o hall da faculdade e ganhasse o beijo de alguma amiga bonita. Dali fui até o Shopping Tijuca pensando naqueles quatro jovens lutadores em busca de sonhos - eu fui um deles, acertei, errei muito e talvez não mudasse uma vírgula se pudesse voltar no tempo - a vida é para ser vivida e não trocada só porque não foi perfeita. Logo passei pelo querido Maracanã, a avenida feito uma artéria de puro sangue, carros para todos os lados, meu pensamento apontando para onde

não devia. Saltei do 238 e imediatamente comprei um cachorro quente pra ainda me sentir um jovem estudante. A seguir, já no centro de compras, entrei na Saraiva e comprei o primeiro cd dos Racionais, com os grandes raps do tempo em que eu era mochila, camiseta, sonho e esperança. Quando caminhei para meu trabalho de estúdio, espiei a Saens Peña e revi na alma os cinemas do fim dos anos 80: éramos jovens demais, víamos filmes entre as aulas, um excelente pretexto para beijar as garotas. O poeta Cazuzza foi implacável: "eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para". Os museus são vida. Horas depois, já deitado em meu quarto, a televisão falando desimportâncias e servindo de companhia, o futuro tão incerto, pensei em quem não devia mas tanto gosto, houve quem me chamasse para o bate papo virtual e eu imaginei como foi o fim de noite daqueles meninos com todo o futuro nas vísceras: um jantar, um banho, uma noite de sono, o sonho de um dia melhor. Quis ser de novo como

eles. Na verdade, ainda sou. Comprovadamente, nunca deixei de ser. Provavelmente, sou um eterno estrangeiro de meu tempo e espaço. Sempre foi assim; só me bastava uma vida melhor para as pessoas. Tomara que eles descansem bem, continuem amigos e driblem as intempéries deste mundo injusto e egoísta. Sou um deles e nunca deixarei de ser. Entretanto, Robin Williams tinha que morrer logo agora? Ele era uma estrela nas telas tijucanas que eu tanto admirava dia desses.

## OS BRASIS

1

O Brasil mudou nos últimos anos. Mudou sim. E para melhor. Não exatamente como muitos gostariam, não exatamente na construção de uma sociedade mais libertária e intelectualmente enriquecida, mas mudou. É fácil demais condenar o governo chamando de clientelismo qualquer política de inserção social. É fácil demais chamar o pobre de vagabundo quando se nasceu bem amparado financeiramente pela família, em completo descaso ao que se passa no outro lado da calçada. É fácil demais fingir que não se via milhões de pessoas simplesmente morrendo de fome – ainda morrem, mas numa escala muito menor – porque os socialmente cegos entendiam que cada um deve ser por si e não precisamos do Estado – a maneira educada de dizer “Foda-se o outro. Quero é saber de mim”. Décadas anteriores mostraram que o conceito de máxima liberdade do capital especulativo só serviu para aumentar o abismo social e

suas mazelas. O Brasil ainda está longe do que se pode chamar de plena justiça social, mas mudou para melhor. Ainda falta muito, muito, muito. Não é possível sentir-se conformado quando bandidos armados oprimem favelas, estupram adolescentes arrancadas da casa dos pais e depois a exploram como garotas de programa. Inaceitável pensar que tudo o que aí está em termos de violência está diretamente ligado à indústria das drogas, dirigida de longe por milionários inescrupulosos que trocam seus capangas como quem troca de roupa: morre um analfabeto, coloque o fuzil na mão de outro – e pior ainda é pensar que, se todos estes escravos do crime tivessem recebido a devida atenção sócio educacional, é se imaginar que a força do banditismo fosse hoje cada vez menor. Não há como achar normal que, em 2014, pessoas considerem um acinte o caminhar de pretos e pobres em shopping centers requintados das grandes cidades. O que dizer de um candidato que se apresenta em frente às câmeras de TV, em busca de um novo mandato através

de eleição, dizendo que tem saudades da ditadura cívico-militar de 1964, responsável por estupros, torturas e assassinatos de milhares de brasileiros, impondo a pena de morte sem dó? Quem pode defender como são o fato do governo institucionalizar o crime que deveria combater? Falta muita coisa ao Brasil de agora, mas seria uma estupidez retornar a tempos de porões, farsa de frangos e entrega do patrimônio nacional a troco de banana – e, se neste momento, você reclama porque o sinal do teu celular é uma merda permanente, talvez entenda o papel de Daniel Dantas neste sentido.

2

O Brasil também paga o preço do mundo inteiro. Caminhamos para um mundo cada vez mais tecnológico e menos evoluído intelectualmente, por mais paradoxal que isso possa parecer. A internet é um fenômeno fabuloso, um dos grandes inventos da humanidade, no mesmo patamar do avião, do telefone, da luz elétrica; no entanto, sua enorme riqueza está mal distribuída. As pessoas

gastam cada vez mais horas na rede mundial de computadores e cada vez leem menos, pensam menos, refletem menos. Curte-se e compartilha-se sem a menor convicção pró e contra, em gestos mecanizados completamente ausentes de reflexão. Parecer ficou mais importante do que ser. Há muito, ter ficou bem mais importante do que ser. As grandes imagens, os grandes textos, os pensamentos instigantes, os contrapontos, tudo fica perdido diante de um debochado vídeo popular onde alguém desrespeita alguém, ou alguma fofoca a respeito de determinada celebridade. O que poderia ser o mar da sofisticação se transformou no deserto das ideias. Sem ler, estudar e refletir, a capacidade argumentativa fica cada vez mais rasa. E ENTÃO surgem os fascínios pelos autoritários, os choques de ordem, a verborragia de aparências, a ostentação cafona. Nem tudo é derrota, claro: "O bom da Internet é que ela liberta o homem moderno, dando a ele uma independência, algo semelhante a um novo Renascimento, livre de opiniões

editorializadas, livre de civilizações cosmopolitas e altamente fascinante. A Internet é efetivamente o maior veículo, o antirracista, o anti-preconceito religioso - na medida que proporciona a real integração dos povos, que se dá por meio da cultura e da informação. Daqui a uns 30 anos, a configuração do mundo globalizado e internetizado será fascinante, isso se o Saddam Hussein não jogar bombas bacteriológicas na gente antes disso. O ruim da Internet é que está virando uma enorme "páginas amarelas", ou seja, um enorme mercado de vendedores ambulantes." - Gerald Thomas em 1998.

## A HIPOCRISIA

Qual rua não a adota? Casa, paço, alameda, ciudad, calle? Acordamos, vivemos, dormimos e lá está a danada da hipocrisia. Nos discursos de ordem e progresso em defesa da grande pátria, escoram-se rastros de hipocrisia. Ou então os falsos moralistas que adoram criticar o comportamento alheio enquanto escondem toda sua podridão, lá está a fortalecida hipocrisia. O caso de agora vivido nas manchetes pelo Fluminense é um exercício completo de hipocrisia plena: jornalistas cínicos omitem a verdade, distorcem, subvertem e entorpecem a opinião pública, muito menos do que fizeram diante do inacreditável caso Bruno. Quando Cuba constrói seu porto, os hipócritas vociferam o fim do comunismo com ridicularização incompatível; são os mesmos que defendem o liberalismo e incomodam-se com a alta dos preços em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo – liberalismo pleno, desde que tenham

seus bolsos cheios e o resto-que-se-foda - o nome disso é hipocrisia. Eduardo Coutinho, brilhante cineasta assassinado domingo passado, era comunista: alguém teria condições morais de apontá-lo como idiota por isso? A hipocrisia quer a fogueira para Woody Allen a respeito de um crime que jamais foi comprovado, mas não move uma palha sobre a garota que acabou de ser estuprada no Alto da Boa Vista, as garotas que são seviciadas diariamente em comunidades ainda dominadas pelo tráfico carioca, as garotas que fazem programa na Avenida Atlântica e espalhadas em todos os puteiros. Quantos jornalistas hipócritas não defenderam com veemência regimes prisionais mais severos, até perpétuos, mas calaram-se diante do caso Pimenta Neves? Empresários hipócritas sempre reclamam dos altos tributos, mas fogem da Receita Federal com dois mil e um artifícios no limite da lei - às vezes, extrapolando-a. A hipocrisia que marcou as discussões a respeito do beijo gay na televisão é um marco da nossa estupidez contemporânea: há décadas, personagens

homossexuais estão (devidamente) incorporados ao cotidiano televisivo. Namoram, seduzem, tudo acontece, por que então a celeuma em torno de um beijo? Um provincianismo comovente, da mesma natureza que alimenta os intelectuais de orelha de livro, ávidos pelas mais novas idiotices de Mainardi e Jabor, temperadas com verborragia barata e palavras pinçadas para dar o tom professoral que os arrogantes tanto apreciam. Para a hipocrisia comum, Chico Buarque, Caetano e Gil são defensores da censura, com todo o ridículo daqueles que não têm acompanhado suas trajetórias. A hipocrisia está de mãos dadas com a indiferença diante da miséria, o desinteresse pelo próximo, a patética sede de poder. O amor que não se declara. O ódio que se espalha. O primarismo da vitória que se traduz em bens de consumo e cabeças ocas. O ter mais importante do que o ser. A hipocrisia na intolerância religiosa e até mesmo na ausência de religião. A hipocrisia em ser o que não se é ou não ser o que se

realmente é. Ou a hipocrisia da via única: um jornal, um canal de televisão, uma opinião, uma escola de samba, um time. As ruas estão pintadas com a hipocrisia da ostentação idiota, devidamente rejeitada pelos verdadeiros racionais. Cada vez mais temos mais informação, computadores, meios de comunicação, velocidade e tudo se perde no caminho porque não sabemos viver sem hipocrisia. Personagens politicamente corretos sonhando impostos, furando fila, transferindo bens para terceiros, fingindo que André Santos e Heverton são personagens de uma história com Papai Noel. Você que me lê por ora considera-me um hipócrita e, nisso, fica deitada em berço esplêndido a mais fina flor do que aqui propus tratar como simples hipocrisia. A covardia da covardia. Escrotidão e ironia. Que nostalgia fria?

## CALOR

doze sóis num só para um verão de felizes. doze mil graus, uma cidade febril e fulgurantes manchetes mentirosas enganando a ingenuidade. os bares, as cores, os corpos e o ir e vir no vaivém. todos querem carnaval, alguns querem mansidão e eu quero ir-me embora, dar o fora mesmo que ninguém venha comigo. o brasil virou um verão enquanto os degolados nas penitenciárias são coisa normal. danar o outro é algo natural. todo mundo quase sabe com quem está falando. basta assassinar o fluminense e tudo parecerá normal, tanto quanto a feia hipocrisia que tomou milhões de rostos neste sábado de janeiro sem par. um garoto caiu da janela em são paulo e ninguém liga. amarildo foi embora e ninguém diz mais nada. a violência é tão fascinante para os imbecis, a hipocrisia é tão confortável para os medíocres e miles davis ok ao vivo na europa é um sinal da música que agora mora tão longe, longe. este sábado não comporta um prêmio de

loteria nem vai ter sinal de amor. o calor das ruas e a vida longe, engarrafada na contramão.

## SOBRE O AUTOR

*Nascido em 1968, Paulo-Roberto Andel é autor de mais de vinte livros de crônicas, poesia, prosa e esportes. Publica regularmente no blog [otraspalabras!](#), fonte desta compilação com base entre os anos de 2014 e 2018.*

*Esta obra foi produzida entre os dias 11 e de 20 de junho de 2018, com fonte Bookman Old Style, com material produzido pelo autor entre 2014 e 2018. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos leitores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.*

**CONTÉM CENAS DE  
VIOLÊNCIA  
EXPLÍCITA NÃO  
RECOMENDADAS  
A PESSOAS  
QUE NÃO  
SE PREOCUPEM  
COM  
O PRÓXIMO**

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-919299-2-8



9 788591 929928